

Primeira Circular

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

Congresso Internacional

Em 2012, sendo Guimarães Capital Europeia da Cultura, realizou-se nesta cidade o I Congresso Internacional - As Cidades na História, com o Tema POPULAÇÃO.

Partiu-se da consciência de que a história das cidades é fulcral na investigação qualquer que seja a abordagem escolhida, População, Economia, Sociedade, Cultura ou Arte. Lançou-se então o desafio aos diferentes parceiros europeus de aprofundamento da história das suas cidades na longa duração, apresentando-se o Congresso como uma ocasião de diálogo e de encontro de raízes culturais comuns, com eventuais consequências para além dos objetivos científicos de partida.

De facto, a Cidade de Guimarães, Património da Humanidade, apresenta-se como anfitriã apetecível para eventos desta natureza, não só pelas estruturas culturais de que dispõe, mas por toda a magia da sua envolvência urbana. Os Congressos Históricos podem apresentar-se como ponto de partida de outros Encontros em que Guimarães se situa como importante plataforma desse desejável diálogo europeu.

Numa lógica de construção de um saber integrado, o Primeiro Congresso Internacional - As Cidades na História incidirá sobre a temática da População, primeira distinção entre mundo urbano e mundo rural. No final dos trabalhos, foi anunciada a periodicidade dos congressos, tendo a Comissão Científica acordado que o congresso seguinte incidiria sobre o tema Sociedade.

Nesta 2ª edição pretende-se que o Congresso mantenha a sua identidade de partida, abordando a evolução das cidades em contextos históricos e geográficos distintos, desde a Cidade Antiga à Cidade do Presente a caminho do Futuro, com especial incidência nas cidades do mundo mediterrâneo.

O congresso dividir-se-á em cinco grandes áreas temáticas; a cidade no mundo antigo, na época medieval, moderna, industrial e, finalmente, a cidade da época atual. Cada uma destas áreas terá uma sessão plenária estruturada em torno de dois conferencistas, um português e outro de fora de Portugal, e um conjunto de sessões paralelas de apresentação de resultados espontâneos sobre as respetivas temáticas. Os trabalhos terminarão com uma mesa redonda sobre a Cidade de Futuro.

Não haverá língua oficial no congresso. Embora a maior parte dos trabalhos possa vir a ser apresentada em português ou espanhol, aceitar-se-á a língua inglesa ou francesa, sem se excluir a possibilidade, em sessões plenárias, de tradução simultânea.

2. Organização

Presidentes Honorários:

Prof. Doutor Diogo Freitas do Amaral

Dr. António Magalhães

Presidente do Congresso:

Prof. Doutor Luís de Oliveira Ramos

Comissão Científica:

Coordenadores:

Maria Norberta Amorim, GHP | CITCEM | Universidade do Porto

Diego Ramiro, CCHS, Consejo Superior de Investigaciones Científicas

Responsáveis das Áreas Temáticas:

Maria Manuela Martins, Universidade do Minho

Maria Helena da Cruz Coelho, Universidade de Coimbra

José Damião Rodrigues, Universidade de Lisboa

Jorge Fernandes Alves, Universidade do Porto

Magda Pinheiro, Instituto Universitário de Lisboa

Secretário-Geral do Congresso:

Antero Ferreira, GHP | CITCEM | Universidade do Porto

Comissão Organizadora

Domingos Bragança, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

Alexandra Marques, Câmara Municipal de Guimarães

Maria Norberta Amorim

Antero Ferreira

João Abreu

CITCEM – Universidade do Porto

CECS – Universidade do Minho

Lab2PT – Universidade do Minho

Normas para apresentação das comunicações

Os interessados em participar no congresso devem contactar com os responsáveis da Área(s) Temática(s) do seu interesse, enviando um pequeno resumo da comunicação (até 500 palavras), acompanhado de breve CV (até 200 palavras). Devem igualmente enviar a proposta para a organização geral (chi@cm-guimaraes.pt). Os coordenadores das áreas temáticas são responsáveis pela aceitação das propostas, devendo comunicar a sua decisão aos autores e à organização do congresso.

Calendário do Congresso

- 21 de novembro de 2016 - distribuição da primeira circular do Congresso.
- 3 de fevereiro de 2017- data limite para o envio das propostas de comunicações aos responsáveis das áreas temáticas.
- Março de 2017 - Envio da segunda circular do Congresso, com a relação dos títulos provisórios dos trabalhos admitidos em cada área temática.
- 16 de Setembro de 2017 - Prazo final para recepção das comunicações.
- 18 a 20 de Outubro de 2017 - realização do congresso em Guimarães.

PREÇO DAS INSCRIÇÕES:

Inscrição: 50 € | Estudantes -25 €

(Está prevista a atribuição de bolsas de alojamento para jovens investigadores)

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

Áreas Temáticas:

1. CIDADE ANTIGA

Responsável:

Maria Manuela Martins - Universidade do Minho (mmmartins@uaum.uminho.pt)

Atividades, sociabilidades e identidades

A temática da sociedade na cidade antiga conheceu importantes desenvolvimentos teóricos e metodológicos nas últimas décadas, suscitados pela evolução das investigações realizadas com base no estudo das fontes literárias, epigráficas, iconográficas e arqueológicas. Em particular cabe destacar os avanços suscitados pela arqueologia que permitiram identificar os espaços físicos de numerosas cidades, bem como o seu urbanismo e arquitetura, facultando, por essa via, a compreensão das especificidades das comunidades cívicas que nelas residiam, independentemente dos sistemas políticos em que se integravam.

Tendo por base os avanços no conhecimento do urbanismo e da arquitetura das cidades do mundo antigo é hoje possível olhá-las como palco de complexos processos de interação entre indivíduos e grupos que produziram e usaram os espaços urbanos e neles construíram diferentes identidades. Neste contexto, os cenários urbanos constituem-se como fonte de informação privilegiada para a compreensão das atividades económicas, do quotidiano e de diferenciadas sociabilidades, ajudando a compreender práticas e comportamentos coletivos e individuais, relações sociais e crenças.

Por isso, a cidade antiga oferece hoje novas possibilidades de abordagem de temáticas de grande pertinência e atualidade quanto à identidade, às sociabilidades urbanas e ao uso e usufruto diferencial dos espaços, facultadas pela releitura das diferentes fontes à luz de novas perspetivas teóricas e metodológicas.

OBJETIVOS

A sessão dedicada à cidade antiga privilegiará uma cronologia ampla, até ao século VII, procurando centrar-se em dois tipos de abordagem. Um deles procurará valorizar os dados e metodologias que permitem estudar a sociedade numa perspetiva mais quantitativa, tendo em vista compreender os contextos sociais e económicos das cidades, os grupos e indivíduos. O outro, terá em conta a análise qualitativa dos processos de interação e sociabilidade da população urbana, valorizada a partir das diferentes fontes, que nos remetem para a composição social, para o mundo do trabalho, para as atividades sociopolíticas, para as modalidades de culto ou para o papel desempenhado pelas minorias na sociedade urbana.

2. CIDADE MEDIEVAL

Responsável:

Maria Helena da Cruz Coelho - Universidade de Coimbra (coelhomh@gmail.com)

O II Congresso “As Cidades na História. Sociedade”, na secção dedicada à Idade Média, abrange uma vasta cronologia, que se estende do século VIII ao século XV, e abre-se a diversas temáticas, fontes, metodologias e análises comparativas. Será de ponderar, em perspectiva sociológica, uma releitura do fenómeno urbano em que o indivíduo constrói a sua identidade na relação com os outros, nas sociabilidades e solidariedades de vizinhança, nas mobilidades interurbanas, na dialética do centro urbano com as suas margens, nas tensionalidades da ordem, do consenso ou do conflito. A cidade, como um espaço organizado, uma sociedade e um centro, convoca reflexões sobre a estratificação e a hierarquização social; as elites urbanas; a presença de marginais e pobres nas cidades e a solidariedade assistencial; o diálogo entre o clero e os fiéis na definição do culto e religiosidade dos paroquianos; as marcas sociais da convivência religiosa entre cristãos, judeus e mouros; a memória e a representação do poder cívico. Na convergência da visão antropológica e sociológica dos grupos sociais com as informações arqueológicas e arqueogeográficas conhece-se a “fabricação” urbana nos seus diversos espaços: fortificado, de poder, de comércio, de sociabilidade, doméstico e sagrado, que envolvem e moldam vínculos de natureza distinta entre os vizinhos. Os trabalhos, tendo em conta esta ampla projeção da composição social no tecido urbano, em estudos de caso ou em análises históricas de incidência regional ou mais global, na sua interdisciplinaridade e multiplicidade de abordagens, visarão contribuir para um melhor conhecimento das Cidades e das Sociedades na época medieval.

3. CIDADE MODERNA

Responsável:

José Damião Rodrigues (josedamiaorodrigues@campus.ul.pt)

Apesar de, até finais do século XVIII, a cidade ser um fenómeno excepcional — à escala mundial, a taxa de urbanização oscilaria em torno dos 10% e, na Europa, 80 a 90% dos seus habitantes viviam no mundo rural —, as cidades eram um poderoso referente intelectual e exerciam um enorme fascínio, conforme documentam diversos textos que descrevem as cidades “exóticas” que os conquistadores, os mercadores, os missionários e os diplomatas europeus encontraram nas Américas, na Ásia ou em África. Não admira, pois, que, no ocaso de Quinhentos, Giovanni Botero declarasse que a cidade continha o mundo ou que, em obra editada em 1608, Luís Mendes de Vasconcelos, na sequência de uma longa tradição, tenha afirmado que definir a “Cidade” permitia definir a “República”.

Mas, além da continuidade das categorias e modelos de um Platão ou um Aristóteles, a realidade da cidade modificou-se substancialmente no período moderno, desde logo no plano espacial, quando consideramos a fundação de urbes europeias em territórios novos. As dinâmicas políticas associadas ao processo de state building, ao princípio da “capitalidade” e à fixação da corte principesca, ou as económicas, que resultavam da “abertura do mundo” e da intensa circulação de gentes e mercadorias entre continentes e oceanos, beneficiando sobretudo cidades portuárias que se afirmavam como espaços cosmopolitas, transformaram o mundo urbano entre os séculos XV e XIX. É verdade que a maioria dos núcleos populacionais continuou a ser de pequena e média dimensão, mas, de um modo geral, podemos afirmar que, no decurso do período moderno, a vida urbana complexificou-se e as cidades afirmaram-se como veículo privilegiado da modernidade.

Acompanhamos Edgar Morin, quando afirmou que “a cidade, sede mais viva da sociedade histórica, é um meio extraordinário de ordem, de complexificação, de desordem, de invenção e de «ruído».”¹ São, pois, as múltiplas dimensões das sociedades urbanas no período moderno que pretendemos abordar neste conjunto de sessões, acolhendo comunicações que contemplem, entre muitos outros temas e através de estudos de caso ou de análises comparativas, o impacto dos modelos familiares, das migrações e do género nas cidades; a geografia social e os zonamentos urbanos; a influência das cortes no mundo urbano; a convivência entre corpos sociais; as identidades urbanas; os conflitos e motins; ou a representação da vida social nas artes.

¹ Cf. Edgar Morin, O Paradigma Perdido: a Natureza Humana, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d. [edição original: 1973], p. 179.



4. CIDADE INDUSTRIAL

Responsável:

Jorge Fernandes Alves (jorge.f.alves@gmail.com)

A industrialização trouxe consigo um mundo novo, tornando-se visível de forma significativa no meio urbano: apropria-se da cidade, promove a sua reconfiguração nuns casos, projeta outros espaços como novas cidades ou cerca a cidade implantando-se nos seus arrabaldes, na conjugação incessante de vários fatores de localização, que sedimentam a cidade industrial.

Mercado, técnicas, mecanização, fábricas, urbanização, transportes, automatismo, especialização, difusão, produção, consumo, novos bens e valores, lucro, operário, classes sociais, desigualdades e ideais igualitaristas são algumas palavras-chaves de uma extensa família, suscitadas pela emergência da indústria, que tocam quase todas as dimensões da vida.

A indústria é, por natureza, transformação, suscitando processos contínuos de transição ou revolução, em estruturações e reestruturações, com emergência rápida de obsolescências e inovações. De que forma (s) o novo tecido industrial recobriu a cidade tradicional ou formatou novas cidades? Como se configura a cidade industrial na sua teia de relações? Sua luz e suas sombras? Seus agentes, suas máquinas, seus sítios? Que dinâmicas sociais locais e globais suscitou a industrialização? Como foi o seu esplendor, a sua renovação ou a sua decadência? Quais os contornos da paisagem industrial que nos legaram? Enfim, que imagens, na multiplicidade dos olhares, nos suscita a cidade industrial?

5. CIDADE DO PRESENTE

Responsável:

Magda Pinheiro (magda.pinheiro@iscte.pt)

A desindustrialização das grandes cidades, nomeadamente das cidades capitais europeias, tem cronologias diferentes segundo os países e começou muito antes da desindustrialização da Europa devido às teorias em voga entre os urbanistas dos anos cinquenta e sessenta. A indústria, sobretudo pesada foi, por planeamento estatal, transferida para pequenas cidades de província ou para a península Ibérica, que se industrializou quando o Norte da Europa começou a desindustrializar-se. O mesmo processo atingiu a península Ibérica, sobretudo depois da entrada na CEE e da deslocalização da Indústria para o extremo oriente.

A reurbanização de zonas antes dominadas, não só pela indústria mas também por instalações portuárias, como as Docklands em Londres, traduziu-se numa quebra da habitação operária ou popular e na sua substituição por lofts ou andares de luxo para yuppies, artistas e estrangeiros com altos rendimentos. Os empregos dominantes nestas áreas são no entanto precários, relacionados com limpezas e alimentação e muito dependentes de emigrantes. Assim a “gentrificação” para além da periferização do habitat popular também conduziu a um extremar das distâncias sociais, substituindo trabalhadores protegidos por poderosos sindicatos por precários muitas vezes imigrantes.

No entanto as consequências sociais foram diversas mesmo em cidades dominadas por uma só firma. Ivrea, em Itália cresceu ligada à firma Olivetti cujos padrões tiveram uma política de modernização industrial e progresso social notável. Derrotada pelos computadores pessoais, a empresa familiar soçobrou mas a cidade conseguiu diversificar as suas atividades e manter algum equilíbrio social. Já o Seixal ou mesmo o Barreiro, mortas as suas indústrias e empresas dominantes conheceram momentos de grande miséria popular nos finais dos anos oitenta. Estados sociais fortes, como a Alemanha, a Suécia puderam suster transições sem grande degradação do nível de vida popular.

O crescimento da mobilidade internacional traduziu-se na existência de um grande número de migrantes predominantemente com empregos precários e mal pagos, mas não só. O crescimento exponencial do turismo faz com que o número de habitantes residentes caia enquanto as ruas, os transportes e mesmo a habitação está cheia de turistas. Nestes movimentos a Arte e os eventos artístico merecem ênfase.

Algumas cidades industriais transformaram-se em cidades históricas, tal é o caso de Mulhouse transformada em cidade Ferroviária.

Assim os temas deste debate serão:

Aspetos sociais da desindustrialização com ênfase nas cidades portuárias.

A reurbanização, aspetos sociais, a “gentrificação”, Eventos, Arte e Turismo

Os migrantes, exílio e emigração económica aspetos sociais.